

EDUCAÇÃO DO CAMPO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: SABERES E IDENTIDADES SOB A LENTE DOS ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

ANNELINE DO ESPÍRITO SANTO FLORES¹;
SANDRO FACCIN BORTOLAZZO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – annenu95@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – sandrobortolazzo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A Pedagogia da Alternância surge como uma proposta educativa embasada nas especificidades dos sujeitos do campo, visando articular saberes escolares e comunitários por meio de uma lógica formativa que difere dos modelos de escola tradicional. Nesta abordagem, os estudantes, ao transitarem entre a escola e o campo, vivenciam um tipo de educação que se conecta com suas realidades e identidades.

Articulando a aprendizagem escolar com a aprendizagem no âmbito familiar e comunitário, a Pedagogia da Alternância foi normatizada pelo Parecer CNE nº 01/2006. Esse documento estabelece que, nas semanas em que os estudantes permanecem em sua propriedade ou inseridos em um contexto profissional, devem desenvolver o Plano de Estudo, discutir sua realidade com a família e com profissionais, promover reflexões, planejar soluções e realizar experiências em seu próprio contexto. Dessa forma, contribuem para a construção de uma concepção consistente de desenvolvimento local sustentável (NOSELLA, 2020).

Criada na França na década de 1930, a Pedagogia da Alternância tem origem nas *Maisons Familiales Rurales* (MFRs), conhecidas no Brasil como Casas Familiares Rurais (CFRs). Essas instituições foram fundadas por iniciativa de um grupo de famílias do meio rural que propunham uma formação profissional articulada à educação integral de seus filhos, unindo saberes técnicos e valores humanos.

Esse princípio fundamenta-se na combinação de um processo formativo no qual o jovem rural alterna períodos de vivência na escola e na propriedade familiar, associando formação prática e teórica. Esta, por sua vez, abrange não apenas os conteúdos do currículo formal, mas também saberes oriundos de experiências associativas e comunitárias (SILVA, 2000).

GIMONET (2007) destaca que esse modelo busca integrar o tempo-escola ao tempo-comunidade e reconhece o território rural como um espaço privilegiado de aprendizagem. Assim, este trabalho, ancorado nos Estudos Culturais em Educação, propõe refletir sobre os saberes e identidades que emergem no contexto de uma escola do campo organizada segundo a Pedagogia da Alternância.

2. METODOLOGIA

Este trabalho, que é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, é construído a partir de um relato de experiência, com base na minha atuação como psicóloga escolar em uma Escola Família Agrícola localizada no município de Canguçu, no sul do Brasil. A proposta é refletir e analisar, a partir da prática vivida, como os saberes locais e as identidades dos estudantes se expressam no cotidiano escolar, dentro da proposta da Pedagogia da Alternância.

A metodologia adotada se ancora na observação cotidiana, sensível e implicada, realizada ao longo do acompanhamento psicossocial dos estudantes e junto às reuniões pedagógicas com educadores/as. Como psicóloga escolar, esta pesquisa adota a escuta atenta, ética e comprometida como recurso metodológico e analítico.

Os resultados apresentados carregam marcas de um envolvimento concreto com o território e com os processos educativos que ali se dão. Trata-se de uma análise que nasce da escuta, não apenas como técnica, mas como postura política, frente aos modos de ser, viver e aprender que atravessam a escola.

Assumo, portanto, um compromisso ético-político com a valorização dos saberes do campo, entendendo que são esses saberes que sustentam práticas pedagógicas potentes, muitas vezes, invisibilizadas pelos currículos hegemônicos e/ou formais. O relato de experiência, nesse contexto, ultrapassa a função de mero testemunho, configurando-se como um meio de dar visibilidade a vivências que merecem ser ouvidas enquanto formas legítimas de produção de conhecimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência na Escola Família Agrícola tem revelado, de forma cada vez mais evidente, que a Pedagogia da Alternância favorece momentos de escuta, reflexão e elaboração de saberes vinculados à realidade dos jovens do campo. A alternância entre tempos de estudo e de vivência comunitária configura-se como um princípio pedagógico.

Na Pedagogia da Alternância, o Tempo-Escola corresponde ao período em que os estudantes permanecem na instituição, geralmente por uma semana, retomando, contextualizando e aprofundando os conteúdos trabalhados no Tempo-Comunidade, de modo a conectar prática e teoria. Nesse período, realizam-se saídas de campo, enriquecendo o processo formativo ao promover trocas de saberes que ultrapassam o aspecto técnico. Já no Tempo-Comunidade, os estudantes retornam aos lares, onde observam, registram e refletem sobre as práticas familiares e da comunidade. Essas vivências são levadas ao Tempo-Escola para socialização, problematização e reelaboração coletiva. Um exemplo dessa articulação são os cadernos de acompanhamento, que registram as atividades e experiências nos dois tempos formativos, funcionando como canal de comunicação entre escola, família e comunidade. Outro exemplo é o Projeto Profissional do Jovem (PPJ), no qual o estudante desenvolve, a partir de seu contexto, uma proposta prática que integra saberes escolares e comunitários.

Como afirma FREIRE (2000), não há saber maior ou menor, mas saberes diferentes. Essa perspectiva concretiza-se nas práticas da Alternância, sobretudo quando educadores e educadoras reconhecem que a realidade dos estudantes é, por si só, portadora de conhecimento. Observa-se, por exemplo, estudantes apresentando registros sobre o plantio, a organização comunitária de festas religiosas e outros eventos, ou ainda estratégias para enfrentar questões relacionadas à saúde. Tais conteúdos integram-se à vida escolar como um currículo vivo, produtor de saberes e identidades.

Para SILVA (1999), o currículo não é apenas uma lista de conteúdos prescritos, mas um campo de disputas e negociações culturais, onde determinados conhecimentos ganham visibilidade enquanto outros são silenciados. Nessa perspectiva, as práticas e saberes trazidos pelos estudantes, enraizados na cultura local, representam formas legítimas de conhecimento. Isso reafirma a ideia de APPLE (2006), em que o currículo é sempre uma construção social e política. Assim, o que se apresenta em sala de aula complementa o currículo oficial, mas o amplia, transformando-o em espaço de produção de sentidos e identidades.

Em rodas de conversa e reuniões pedagógicas, docentes discutem maneiras de equilibrar os conteúdos obrigatórios com os temas trazidos pelos estudantes, evidenciando que a consolidação de uma escola do campo exige o rompimento e certo deslocamento das lógicas escolares historicamente naturalizadas. Soma-se a isso a preocupação recorrente com a escassez de espaços e tempos destinados ao lazer, uma vez que a rotina intensa de atividades tende a sobrecarregar os alunos. Como estratégia de enfrentamento, a sala de aula foi reorganizada para se tornar um espaço de convivência mais acolhedor, incorporando materiais como televisão, sofás, mesa para jogos, livros entre outros elementos de interação. E são a partir de práticas como as mencionadas que a Pedagogia da Alternância se diferencia de práticas tradicionais de ensino.

A escola, como espaço de disputas simbólicas, é palco do encontro, e por vezes do conflito entre o saber legitimado e o saber vivido. O primeiro, validado oficialmente pelos sistemas educativos, compõe o currículo formal, com livros e avaliações, privilegiando narrativas hegemônicas que, muitas vezes, silenciam perspectivas locais. Já o saber vivido nasce das experiências concretas dos sujeitos em seus contextos sociais e culturais, como práticas agrícolas, festas comunitárias ou conhecimentos sobre saúde, constituindo-se como patrimônio de saberes que desafiam e enriquecem o currículo. Esse segundo encontra-se na ideia de FREIRE (1996) em que os saberes construídos na prática social devem dialogar com os conteúdos escolares.

HALL (2016) ressalta que a identidade não é uma essência fixa, mas uma construção social e histórica, marcada por um processo contínuo de transformação e negociação de significados. Nessa perspectiva, a Pedagogia da Alternância revela-se uma potência para a constituição de identidades camponesas afirmativas, na medida em que convoca os jovens a refletirem sobre quem são, de onde vêm e quais projetos de vida desejam construir. Ao articular saberes escolares e saberes do território rural, essa abordagem contribui para que a escola se configure como um espaço de reconhecimento e valorização das experiências locais, rompendo com lógicas de negação, invisibilização ou deslegitimização do modo de vida camponês. Assim, o processo educativo se torna um campo de fortalecimento do pertencimento e da afirmação cultural.

Até o momento, o acompanhamento das práticas escolares, as observações em sala de aula, a participação em reuniões pedagógicas e em momentos de formação têm revelado um movimento profícuo, embora permeado por desafios cotidianos como as limitações de infraestrutura – a exemplo da falta de salas de aula e espaços de lazer – e tensões inerentes à convivência entre sujeitos portadores de distintas subjetividades. Ainda assim, tal movimento se mostra significativo por evidenciar a mobilização contínua de educadores, estudantes e comunidade na construção coletiva de um projeto pedagógico que valoriza os saberes do campo e busca articular teoria e prática. A riqueza reside na diversidade de experiências e conhecimentos que circulam, na capacidade de adaptação às especificidades das realidades locais e no empenho em criar espaços de escuta e diálogo.

4. CONCLUSÕES

A reflexão e análise apresentada reafirma a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a cultura do campo como um saber legítimo, capaz de enriquecer o currículo e de promover processos educativos mais plurais. Ao colocar em diálogo o saber vivido e o saber legitimado, a Pedagogia da Alternância revela-se como um caminho de construção e de fortalecimento das identidades, ampliando horizontes formativos e com possibilidades de uma escola conectada à vida e ao território de seus estudantes.

Os Estudos Culturais em Educação, ao oferecerem ferramentas para compreender as disputas simbólicas no currículo, nos tempos, nos espaços e nas narrativas escolares, possibilitam olhar para a escola como um campo de negociações, tensões e resistências. Essa perspectiva teórica permite analisar como as práticas cotidianas, mesmo as mais sutis, podem transformar a escola em um espaço de produção cultural e afirmação de identidades.

A inovação desta investigação consiste em articular os pressupostos dos Estudos Culturais e a Pedagogia da Alternância desenvolvida em uma Escola Família Agrícola, mostrando vivências e táticas que, embora frequentemente invisibilizadas, mostram-se centrais para repensar a educação do campo. Trata-se de compreender uma proposta pedagógica que não apenas acolhe os sujeitos e suas histórias, mas que se constrói, de maneira orgânica, a partir dos saberes, das práticas culturais e das realidades concretas que vivenciam, reafirmando o território como espaço legítimo de produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Diego Miranda de. **A Pedagogia da Alternância no Brasil e seus Fundamentos** – Niterói 2017 – (Dissertação de Mestrado) Disponível em: <https://bit.ly/3wn3nKk>

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

NOSELLA, Paolo. Cinquenta anos de pedagogia da alternância no Brasil: conflitos e desafios. **Kiri-kerê**: Pesquisa em Ensino, Dossiê n. 4, v. 2, nov. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3I36EAT>.

SILVA, L. H. da. **As representações sociais da relação educativa escola-família no universo das experiências brasileiras de formação por alternância**. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999